CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 30/12/2022 - 05:56

Pelé

VISÃO DO CORREIO

Pelé, soberano sem sucessor

Hoje, o Brasil amanhece triste e menor. A finitude da vida chegou para o Rei do Futebol. Edson Arantes do Nascimento, 82 anos, que deixa um trono conquistado pela sua singular habilidade com a bola e que deu ao país o título, até então inédito, de campeão do mundo na Copa da Suécia, em 1958. Ele ainda era príncipe, com 17 anos.

A partir daí, ele se tornou o atleta indispensável à Seleção Brasileira. O seu reinado começou a se expandir. Os holofotes do esporte mais popular do planeta passaram a iluminar o Brasil. Pelé era a referência entre craques nacionais e internacionais, título que dividiu com o país, que passou a ser visto como um celeiro de jogadores por inúmeras nações. Reconhecido em todos os continentes, ele levou milhões de brasileiros e até adversários ao êxtase com jogadas, dribles e gols inimagináveis que faziam tremer os estádios.

O passe do atleta foi cobiçado pelos times Real Madrid e Milan. O Santos, que o projetou no esporte, ignorou as pretensões dos europeus. Pelé era inegociável. Jânio Quadros, então presidente da República, foi mais radical. Editou, em 1961, um decreto que tornou o craque "tesouro nacional". Tão importante quanto ser rei, ele se tornou um patrimônio de todo o povo brasileiro.

Em 1970, aos 29 anos, foi coroado Rei do Futebol. Atingia o apogeu da carreira. O reinado estava consolidado pelo desempenho na Copa do México. Brilhou como nenhum outro atleta. O Brasil chegou ao tricampeonato mundial. Foram seis jogos, nos quais fez seis gols, e deu assistência a seis outros.

Em 1975, por um ano, Pelé, considerado uma lenda brasileira, aceitou jogar pelo New York Cosmos, dos Estados Unidos. No ano seguinte, ele estava de volta ao Brasil, ou melhor, para o Santos. Aos 50 anos, o rei decidiu que era hora de deixar a bola e os campos, que lhe propiciaram uma fama jamais superada por outros atletas. E não à toa. Ele foi o atacante mais inspirador de todos os tempos. Fez 1.282 gols que lhe valeram destaque na lista dos maiores artilheiros da história do futebol mundial. E mais: recebeu o título de atleta do século 20.

Pelé se tornou lendário, com enorme poder de influenciar a sociedade. Embora detentor de uma fama ímpar, ele se absteve de envolvimento no cenário político, após pendurar as chuteiras. No entanto, seguiu levando o nome do Brasil por onde passava, e nunca deixou de defender o esporte, como um dos mais importantes espaços para o desenvolvimento dos jovens. Ele era um exemplo de que as atividades esportivas podem ser portas abertas aos menos favorecidos.

Diferentemente de muitos outros jogadores, Pelé conquistou reinados, mentes e corações. Como homem negro e ícone do seu tempo, ele foi poupado das expressões anticivilizatórias, como o racismo e os preconceitos, que humilham outros grandes atletas que o tem como inspiração nas quatro linhas dos verdes campos. Edson Arantes do Nascimento não se perderá no tempo. Seguirá vivo na lembrança de todos como o maior e insuperável soberano do futebol. Que Deus o acolha.

ANA MARIA CAMPOS
anamariacampos@gmail.com

Perdemos nosso rei

Nelson Rodrigues dizia que toda unanimidade é burra. Mas Pelé é a exceção. Ninguém tinha dúvidas da popularidade do rei do futebol, mas a imensa repercussão mundial pela perda do nosso ídolo da bola, instantes depois do anúncio de sua morte, indica que ele era muito maior do que poderíamos imaginar.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, disse que "a ascensão de Pelé, de origens humildes à lenda do futebol, é uma história do que é possível". Para Barack Obama, "Pelé entendeu o poder do esporte para unir as pessoas".

Emmanuel Macron sintetizou: "O jogo, o rei, a eternidade". O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, com a experiência de quem já rodou o mundo representando o Brasil, afirmou: "Poucos brasileiros levaram o nome do nosso país tão longe feito ele. Por mais diferente que fosse o idioma, os estrangeiros dos quatros cantos do planeta logo davam um jeito de pronunciar a palavra mágica: 'Pelé'.

Até o presidente Jair Bolsonaro, que estava em silêncio desde a derrota no segundo turno, resolveu falar: "Com pesar o passamento de um homem, que pelo futebol, levou o nome do Brasil para o mundo. Transformou o futebol em arte e alegria".

Atletas, artistas, instituições, federações e autoridades internacionais fizeram declarações de tristeza, solidariedade e reverência. Até a Nasa fez uma homenagem. Divulgou uma imagem de uma galáxia em verde e amarelo para destacar a morte da lenda que ficou conhecida pelo "jogo bonito".

Pelé está na capa de todos os principais veículos de comunicação do planeta. Se o Reino Unido perdeu neste ano a sua rainha, nós ficamos sem o nosso rei.

Nas redes sociais, muita gente postou uma foto ao lado de Pelé. Incrível como ele sempre aparece com um largo sorriso estampado. Alegre, de coração aberto. Foi o brasileiro mais conhecido do planeta e também aquele com o talento incontestável para acertar o gol e conquistar admiradores.

Pelé era perfeito? Certamente, não, mas ele foi muito mais do que um craque dos gramados. Nosso rei fez do futebol o esporte brasileiro. Pelé era simplesmente a real cara do verde e amarelo, nosso cartão de visitas para o mundo, era o Brasil que deu certo. Muito certo.

Quem nunca se apresentou como brasileiro no exterior e ouviu um comentário sobre a genialidade de Pelé, um ídolo negro, que nasceu pobre e arrebatou o mundo?

Mas é como disse Galvão Bueno: Edson Arantes do Nascimento se foi (porque era humano). Mas Pelé, não. Pelé é eterno.

Uma lenda chamada Pelé

» SILVESTRE GORGULHO
Jornalista e autor do livro "De Casaca e Chuteiras – A Era dos Grandes Dribles na Política, Cultura e História – Brasília-JK-Pelé".

Era uma vez um menino pobre, de uma família pobre, em um país pobre que tinha o dom de fazer mágicas: de uma bolinha de meia fez sete bolas de ouro.

Era uma vez, um menino que nasceu Edson, em 23 de outubro de 1940, em Três Corações. Virou DICO, para a família. E ganhou o apelido PELÉ, em São Lourenço, quando seu pai Dondinho jogava no time de minha terra natal.

Era uma vez um garotinho negro, humilde e franzino que fez, com sua arte e sua genialidade, o Brasil maior. Colocou o mundo inteirinho dentro da Vila Belmiro, em Santos. Fez do Maracanã, do Pacaembu e de muitos outros estádios do mundo altar de suas oferendas.

Era uma vez um garoto de 17 anos, único nessa idade a participar de uma Copa do Mundo, jogando a final, fazendo gols e sendo campeão.

Era uma vez um atleta que entrou para o mundo das artes, participando da literatura (prefaciou um livro de Carlos Drummond de Andrade), contracenou com Sylvester Stallone (*Victory*) e com muitos outros artistas em 18 filmes e algumas telenovelas. Entre eles: Os Trapalhões, Paulo Goulart, Milton Gonçalves, Grande Otelo, Dina Sfat, Tereza Raquel e José Lewgoy. Gostava de música. Pelé gravou com Elis Regina, Roberto Carlos, Chico Buarque, Jair Rodrigues e Gilberto Gil.

Em julho de 1971, Pelé se aposentou na Seleção Brasileira, mas a Seleção não o deixou. Continuou como eterna referência.

Em 1971, deu nome ao Centro Educacional e Esportivo Edson Arantes do Nascimento — Pelezão, na Lapa/Barra Funda(SP).

Em vida, Pelé colecionou muitas outras homenagens.

Em 1º de outubro de 1977, pelo Cosmos de New York, fez seu último jogo profissional, mas continuou sendo o maior personagem do esporte mundial.

Em 1981, Pelé foi eleito por jornalistas internacionais como o "atleta do século".

Foi o esportista mais requisitado da história para campanhas de marketing.

Na década de 90, o COI oficializou Pelé como o "atleta do século".

Em 1995, aceitou o convite para ser ministro dos Esportes, no governo FHC. Criou a Lei Pelé, sancionada em 24 de março de 1998, que instituiu normas gerais sobre o desporto brasileiro.

Além do diploma de Mérito de Cidadão do Mundo, da ONU, de uma estátua em Três Corações (MG) e outra na Índia, de um estádio de futebol no Irã e outro em Maceió e de uma praça em Los Angeles (EUA), Pelé colecionou ruas. Muitas ruas! Tem rua com seu nome em Montevidéu, no Uruguai, e em muitas cidades do Brasil: Três Corações e Barbacena, em Minas Gerais, Cariacica (ES), Japeri (RJ), Campinas e São José do Rio Preto, em São Paulo.

Em 1997, Pelé recebeu o título de 'SIR' - Cavaleiro Honorário do Império Britânico, das mãos da Rainha Elizabeth II, no Palácio de Buckingham.

No ano 2000, foi reconhecido pela Fifa como o maior jogador de futebol do século.

Em outubro de 2005, Pelé ganhou um presente de aniversário histórico: o Centro de Treinamento do Santo que passou a se chamar CT Rei Pelé.

Em junho de 2008, para comemorar os 50 anos da Copa de 1958, o Museu Nacional de Brasília fez a exposição *As marcas do rei*. Foi a maior mostra realizada sobre sua vida.

Em novembro de 2008, Pelé recebeu outra grande homenagem de Brasília. Ele próprio inaugurou, em Samambaia, cidade-satélite do DF, a Vila Olímpica Rei Pelé. Nesse complexo esportivo de 2,2 hectares, são oferecidas 17 modalidades de esportes para mais de 5 mil crianças.

Em 4 de novembro de 2010, Pelé foi homenageado pelo Exército Brasileiro. Em cerimônia solene no Museu do Desporto do Exército, na Fortaleza São João, Urca (RJ), o soldado Nascimento 201, que serviu no 6º GMAC de Praia Grande-SP, ganhou busto e um espaço especial. Apenas duas pessoas no mundo serviram o Exército de seus países na condição de ídolos e no auge da fama: Elvis Presley e Pelé.

Em dezembro de 2010, ao reconhecer o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, a Taça de Prata e a Taça Brasil como partes do Campeonato Brasileiro, a CBF proporcionou a Pelé um novo recorde: o maior campeão brasileiro da história com seis títulos nacionais.

Em 26 de julho de 2011, a presidente Dilma Rousseff nomeou Edson Arantes do Nascimento Pelé Embaixador Honorário do Brasil para a Copa de 2014.

Em 9 de fevereiro de 2012, Pelé ganhou estátua no Estádio da Amizade, na capital Libreville – Gabão, na final da Copa Africana de Nações. A homenagem foi para lembrar janeiro de 1969, quando o rei interrompeu duas guerras para o Santos jogar em segurança contra a seleção A e seleção B do Congo.

Em janeiro de 2014, Pelé recebeu da Fifa a Bola de Ouro Especial. O então presidente Joseph Blatter abriu a cerimônia dizendo: "Há poucos nomes que se destacam na história. Quando se fala em futebol, apenas um nome fica acima de todos: Pelé".

Também em 2014, a Prefeitura de Santos inaugurou o Museu Pelé.

Em outubro de 2017, foi lançada a 57º publicação sobre sua vida. Na China.

Em dezembro de 2017, em Moscou, é reverenciado por Maradona com um beijo na testa ao abrir o sorteio para a Copa de 2018, na Rússia.

Em 2022, na Copa do Catar, Pelé é homenageado pela Fifa, por jogadores em campo e na arquibancada por torcedores.

Em 2023, Santos planeja construir, ao lado de seu museu, o monumento que Oscar Niemeyer projetou para glorificar Pelé.

A Era Pelé parece não ter fim. O tempo passa, os anos avançam e o mito permanece. Amantes ou não do futebol têm sempre na ponta da língua a expressão mais nobre e digna para lembrá-lo.

Lenda que sempre recomeça: Era uma vez um menino pobre que, ao fazer mil Gols, lembrou das crianças pobres e, de uma bola, fez uma coroa de rei.

Lágrimas para o nosso Rei Negro

» JOSÉ NATAL DO NASCIMENTO
Jornalista

Morre com Pelé o símbolo de uma era que curtia com o futebol todas as formas de emoção que esse esporte pode despertar. Desde que seu talento apareceu para o mundo da bola, na Copa de 1958, na Suécia, nenhum outro jogador ou qualquer outro atleta de qualquer esporte alcançou tantos títulos, carisma, supremacia e representatividade no universo esportivo.

Nascido negro, pobre e ainda bem distante do business comercial, glamoroso e cibernético que o ambiente do futebol proporciona hoje, Pelé, indiscutivelmente, foi o atleta que mais se aproximou da chamada perfeição na execução teórica e prática da atividade que exerceu. Eu disse perfeição, se é que a perfeição existe.

Edson Arantes do Nascimento, fenômeno que a humanidade reverenciou ao longo dos últimos 50 anos, pela maestria nunca vista antes, despede-se de nós sem o menor risco de ter sua genialidade sequer comparada a qualquer outro ídolo em atividade nesse esporte no Brasil, e no planeta.

Nenhum — e nenhum mesmo — desses atuais personagens de primeira grandeza do futebol atual — leia-se Messi, Neymar, Levandoski, Cristiano Ronaldo e tantos outros — conseguiram chegar perto do que foi a preciosidade criativa e potencialidade atlética de Pelé.

Isso é realidade, e não análise apaixonada ou tendenciosa. Pelé foi um atleta assustadoramente completo, e tudo que o esporte exigiu dele, foi atendido com esplendor. Sua habilidade ganhou holofotes quando tinha apenas 16 anos, jogando pelo Santos, no campeonato paulista.

Chegou à Seleção Brasileira pelas mãos do técnico Vicente Feola do São Paulo, e virou um astro. Pelé, como profissional, atuou apenas em dois times. O Santos Futebol Clube, e depois, já se despedindo da carreira, no Cosmos, equipe americana que usou Pelé como credencial para apresentação e prestígio na esfera do futebol.

Primeiro jogador profissional a conseguir a marca de mil gols na carreira, o milésimo gol aconteceu no Maracanã em 19 de novembro de 1969, quando o time praiano venceu o Vasco da Gama por dois a um.

O goleiro argentino Andrada, já falecido, foi a vítima, e com o feito, também entrou para os anais. Difícil registrar todas as façanhas, vitórias e conquistas de Pelé, que tem a maior marca já vista.

Uma das figuras mais importantes da história recente, a Rainha Elizabeth II, visitou o Brasil apenas uma vez, em 1968, quando acompanhou uma partida em que Pelé jogava. Ao entregar o troféu aos ganhadores, a rainha disse à Pelé: "Eu sei quem você é, já o conheço de nome e me sinto muito feliz em cumprimentá-lo". Em 1997 a rainha o condecorou como Cavaleiro da Coroa Britânica.

Em 1969 o time de Pelé fazia uma excursão pela África e recebeu convite para jogar na Nigéria, que vivia o conflito conhecido como Guerra de Biafra. Só que para chegar até o estádio Beni City em segurança, era preciso um cessar-fogo. E foi justamente isso que ocorreu. O conflito foi interrompido para que as pessoas pudessem ver o Rei Pelé, ao fim do jogo, a guerra seguiu.

Mas como quase todo grande ídolo mundial, Pelé envolveu-se em algumas polêmicas que marcaram sua trajetória, duas foram as mais significativas. A cobrança por uma postura na luta antirracista, e a relutância no reconhecimento da paternidade de uma de suas filhas, episódio nunca compreendido pelo povo brasileiro.

O fato é que a existência de Pelé já simbolizava a ascensão do negro no esporte sempre dominado por atletas brancos, eram só Mohamed Ali e Pelé.

Pelé era o grande goleador da humanidade, o Atleta do Século, sua linguagem, sua afirmação, e sua luta se baseavam na sua presença negra, mágica, imponente e invencível em campo, que emudeciam e emocionavam os que viam sua perícia no futebol...

Pelé cravou a pedra vital de onde nascem todos os demais craques brasileiros. O seu talento, carisma e amor pelo esporte inspirou o Presidente Fernando Henrique Cardoso a convidá-lo para ser Ministro de Esporte de seu governo. Pele aceitou. Criou a uma Lei que abriga os anseios e desejos de todos os praticantes de esporte no País. Alheio a política, cumpriu seu papel, como desportista.

Pelé simboliza vitória, orgulho e emoção. Rei incontestável, gênio absoluto, colocou o Brasil no topo do mundo, uma riqueza patrimonial, um luxo da cultura brasileira.

O Rei se foi, mas deixou enraizado em nós, a herança do pertencimento, o sentimento de glória, e a história de uma lenda a ser contada às nossas futuras gerações.

O Rei, eu e meus botões

» PAULO FONA
Jornalista e consultor político

Nunca esqueci os cinco minutos que pude estar ao lado dele no Pelezão no intervalo de um jogo do Santos contra uma seleção brasiliense, em 1965, goleada por impecáveis 5 x 0, se a memória não me engana.

Para mim, um menino dos seus 12 anos, a figura daquele homem imenso, mas de apenas 1,70, materializava o jogador de botão do Santos que também nos campos imaginários do assoalho de minha casa deixava todos pra trás, ao lado de Dorval, Mengálvio, Coutinho e Pepe — o primeiro ataque que decorei e o maior do mundo.

Nos meus campeonatos de botão o Santos ganhava os torneios ou disputava o título contra o Botafogo de Garrincha, Didi, Quarentinha, Amarildo e Zagalo, então com um "I" só. Naquela época ainda se discutia se Pelé era melhor ou não do que Garrincha ou se o Botafogo era capaz de enfrentar o poderoso esquadrão praiano de Santos. Sintonizado na rádio Globo, ouvia a voz imponente de Waldir Amaral, que saia do rádio Telefunken do meu pai, que não gostava de futebol.

Minha paixão botonista me fazia acompanhar pelos jornais as excursões do Santos pelos cinco continentes para pegar as escalações de rivais como Boca Juniors, River Plate, América do Mexico, Real Madri, Benfica, Milan, Internazionale e Barcelona. Pelo *Correio da Manhã*, *Gazeta Esportiva* ou *Última Hora* colecionava as escalações e formava mais times para enfrentar o Santos — e perder!

Antes de 1965, pude vê-lo de longe no Palácio do Alvorada na recepção que o presidente João Goulart ofereceu a seleção bicampeã mundial em 1962, mas a distância e a multidão de convidados impediram que toda a família chegasse perto dele. Com nove anos, só o fato de estar ao lado dos brasileiros mais famosos no mundo já encheu meu coração de alegria.

Alegria que se estendeu pelos anos seguintes com a conquista do bicampeonato da Libertadores e do Mundial dos Clubes derrotando os poderosos Penarol e Boca Juniors, na América do Sul, e Benfica e Milan na Europa. Jamais esquecerei de ouvir pelo rádio a virada do Santos contra o Milan, numa noite de tempestade no Maracanã em que, mesmo sem ele, o alvinegro santista lhe deu a condição de bicampeão mundial de clubes.

Ainda pelo rádio e pelo vídeo-tape pude ouvir e ver com alguns dias de atraso, a seleção brasileira ser arrasada nos campos ingleses na Copa do Mundo de 1966, com Pelé sendo caçado em campo por búlgaros e portugueses. Sob a complacências dos juízes europeus, que favoreceram descaradamente as seleções europeias, Alemanha e principalmente Inglaterra.

Mas a vingança não tardou. No meu campeonato mundial de futebol, com apenas 13 seleções porque não consegui a tempo as escalações de Coreia do Norte, Suíça e França (naquela época um time não relevante), o Brasil se tornou tricampeão goleando os donos da casa por implacáveis 4x1, com três gols de Pelé e outro de Garrincha. Tudo anotado no caderno ainda guardado naquelas caixas que resistem a mudanças de casa.

Lembro-me bem da promessa dele de abandonar o scrath nacional depois da decepção da derrota humilhante na Inglaterra — a única vez que o Brasil não passou da fase de grupos. Promessa que aterrorizou a todos os brasileiros — a mim me deu um sentimento de orfandade de não poder mais torcer por ele na Seleção.

Afinal, Pelé, Seleção Brasileira, Santos e meus times de botão eram uma coisa só. Como se sabe, ainda bem que ele desistiu de desistir e chegou ao México no auge de seu vigor físico e um inquebrantável desejo de ganhar a sua última copa, no estádio Azteca e no assoalho do corredor da casa dos meus pais.

Escrever sobre Pelé no dia de sua passagem é reviver e viver. É descobrir como a carreira esportista do maior jogador de futebol do mundo faz parte de sua vida, assim como a de todos os brasileiros.

Só temos que agradecer o que ele nos deu de alegria ao longo de vinte anos jogando nos campos dos seis continentes e nos diferentes cômodos da casa dos meus pais. Como qualquer criança nascida na década de 50, meu sonho era ser um Pelé.

E, hoje, ao ver meu neto João curtir o Messi e dizer que ele é o maior jogador de futebol da história, eu retruco e digo: "Veja o DVD Pelé Eterno". Como anteviu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre o primeiro jogo que viu do craque no Maracanã, vestindo a camisa do Vasco, vaticinou: "ele será o Rei do Futebol!".

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Opinião **Pagina:** 10 e 11

Copyright © Clipclap 2025.